

REVISTA
BATISTA
PIONEIRA

Bíblia ▪ *Teologia* ▪ *Prática*

Volume 11

Número 2

Dezembro 2022

UM CHAMADO AO DISCIPULADO CRISTÃO: DEFINIÇÃO, COMPETÊNCIAS E RECOMPENSAS NA PERSPECTIVA DO EVANGELHO JOANINO

A Call to Christian Discipleship: Definition, Skills and Rewards from the Perspective of the Johannine Gospel

Me. Francis Natan Gonçalves Martins¹

RESUMO

Este artigo é uma análise bíblica, a partir da narrativa do evangelho segundo o apóstolo João, quanto às palavras de Jesus Cristo no tocante ao seu discipulado. Para tanto, discorre-se sobre a definição e postura do discípulo de Jesus, forma de adentrar à vida discipular e quais as custas e recompensas que um indivíduo encontrará ao lançar-se ao discipulado. Considera-se que discípulo de Jesus é o indivíduo que o segue, rendendo-se a um relacionamento pessoal de sujeição a este, com o objetivo de aprender a viver aos moldes do Senhor. Este discípulo é alguém que mediante despertar divino, creu em Jesus e sua Obra, recebendo-o como Salvador e Senhor, de forma a provar de um novo nascimento que o manterá firmado no evangelho mesmo que diante de custas a tal condição. Esta perseverança deve ser movida por amor ao seu Senhor, sendo amparada pela esperança de divinas recompensas. Caso estas marcas não sejam refletidas na conduta de um indivíduo, este não se caracteriza como um discípulo de Jesus. A presente pesquisa aduz relevância para a igreja contemporânea, a saber, para aqueles que aspiram viver o discipulado de Jesus, em conformidade com as palavras do Mestre. Sendo que, se os cristãos da atualidade compreenderem bíblicamente as condições e as marcas da vida discipular, então serão encorajados a refletir a vida de Jesus no cotidiano.

Palavras-chave: Discípulo. Discipulado. Cristianismo. Testemunho. Vida

¹ O autor é Bacharel em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira; pós-graduado em Marketing pela Unijuí; pós-graduado e em Novas Tecnologias, Transformação Digital e Agilidade pela FIA (Fundação Instituto de Administração); e mestre em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná. Trabalha como Pastor de Adoração na Primeira Igreja Batista em Ijuí e como Coordenador de Estágios e Gestor de Comunicação e Marketing na Faculdade Batista Pioneira em Ijuí. E-mail: natanmartins@batistapioneira.edu.br

Cristã. Evangelho.

ABSTRACT

This article is a biblical analysis, from the gospel narrative according to the apostle John, regarding the words of Jesus Christ regarding his discipleship. Therefore, it discusses the definition and attitude of the disciple of Jesus, the way to enter the discipleship life and what are the costs and rewards that an individual will encounter when launching himself into discipleship. It is considered that a disciple of Jesus is the individual who follows him, surrendering to a personal relationship of subjection to him, with the objective of learning to live in the mold of the Lord. This disciple is someone who, through divine awakening, believed in Jesus and his work, receiving him as Savior and Lord, in order to prove a new birth that will keep him firm in the gospel even at the expense of such a condition. This perseverance must be motivated by love for his Lord, supported by the hope of divine rewards. If these marks are not reflected in the conduct of an individual, he is not characterized as a disciple of Jesus. The present research adduces relevance for the contemporary church, namely, for those who aspire to live the discipleship of Jesus, in accordance with the words of the Master. Since, if today's Christians understand biblically the conditions and marks of discipleship life, then they will be encouraged to reflect the life of Jesus in everyday life.

Keywords: Disciple. Discipleship. Christianity. A testimony. Christian life. Gospel.

INTRODUÇÃO

Quão grandioso é o chamado ao discipulado cristão! É um chamado ofertado pela graça de Deus.² Mas longe de ser aceito de qualquer forma, este deve ser iniciado a partir de uma compreensão clara da sublimidade do chamado, pois tal decisão envolve reflexão madura e não um mero entusiasmo momentâneo.³

Para tanto, faz-se necessário avaliar não somente o chamado de Jesus em si, mas as implicações que a condição de discípulo e a jornada da vida discipular exigem daquele que se submete a tal. Ser discípulo de Jesus não é apenas o seguir geograficamente como as multidões que o rodeavam faziam; ser discípulo é seguir a Jesus da forma que ele quer ser seguido.⁴ Além do mais, ser discípulo de Jesus requer uma busca do indivíduo que aspira o discipulado, pela compreensão do que o Senhor quis dizer com o uso do termo discípulo. Precisa-se estudar com atenção as descrições de tal condição nas palavras do Mestre, para assim saber o que é o discipulado que Jesus estava apresentando, ao qual estava convidando pessoas comuns.⁵

Vale salientar que aquele sublime convite ao discipulado das páginas dos evangelhos ainda ecoa nos dias de hoje. Mas estão cientes os que têm atendido a este chamado na atualidade? São de fato discípulos aqueles que o têm seguido?⁶ Discorrer-se-á sobre a definição da condição de discípulo, discipulado e como se tornar um discípulo, englobando na argumentação como Jesus quer ser seguido.

Aqueles que desejam obter estas respostas precisam observar o que a Bíblia tem a dizer sobre o discipulado cristão, pois esta apresenta diretrizes seguras a todo aquele que aspira a vida discipular.

² BONHOEFFER, Dietrich. **Discipulado**. Tradução de Ilson Kayser. 8.ed. São Leopoldo: Sinodal, 2004, p. 11.

³ MADUREIRA, Jonas. **O custo do discipulado**: a doutrina da imitação de Cristo. São José dos Campos: Fiel, 2019, p. 34.

⁴ MADUREIRA, 2019, p. 26-27.

⁵ MACDONALD, William. **O discípulo verdadeiro**. 2.ed. Tradução de Odayr Olivetti. São Paulo: Mundo Cristão, 1981, p. 13.

⁶ MADUREIRA, 2019, p. 25.

Visto que o foco é o discipulado cristão, faz-se necessário olhar de forma mais focada ao Novo Testamento, pois este foi escrito por discípulos; falando sobre a vida, fé e atos de discípulos de Cristo; sendo redigido e dirigido àqueles que desejam viver a vida discipular.⁷ Certamente muito conteúdo seria encontrado em tamanha pesquisa, mas por hora, adotar-se-á nesta apenas o evangelho de Jesus segundo o apóstolo João. A escolha do evangelho de João dá-se por quatro motivos: 1) O evangelho contém 73 vezes a palavra *discípulo* e suas variantes (27,2% do uso do termo no Novo Testamento);⁸ 2) O evangelho foi redigido com o objetivo de testemunhar que Jesus é o Cristo, para que crendo nele, seus receptores desfrutassem de vida eterna – assim subentende-se, que tinha o intuito de convidar outros à vida discipular cristã; 3) O próprio evangelista autodenomina-se *discípulo* em seu escrito (Jo 21.24);⁹ 4) É um evangelho dirigido tanto ao judeu como ao gentio, explanando a universalidade do chamado ao discipulado cristão.¹⁰

Para uma boa compreensão do chamado discipular, passar-se-á no momento as definições do termo discípulo, discipulado, forma de se tornar um discípulo e resultados de tal condição.

1. DEFINIÇÃO DE DISCÍPULO

Em primeiro momento, faz-se necessário entender de forma clara o sentido da palavra discípulo, para que posteriormente se entenda com excelência a prática do discipulado. Nota-se que este título era muito importante no período bíblico, pois o termo “discípulo” aparece 269 vezes somente no Novo Testamento, sendo que a palavra “cristão” aparece apenas três vezes e a palavra “crente” somente duas.¹¹ Com isso, percebe-se a importância desta palavra para Jesus e seus primeiros seguidores.

Discípulo é alguém que se une a outra pessoa para aprender algo com esta. A partir desta união, o indivíduo que aprende vem a ser chamado de *mathetes*¹² (μαθητής – Jo 6.66), que em grego significa “discípulo, aprendiz, aluno ou pupilo”. Este, de forma voluntária, passa a aprender de seu *didaskalos* (διδάσκαλος – Jo 3.10), termo grego que se traduz por professor ou mestre.¹³ Geralmente, nos evangelhos, o termo discípulo aparece carregando a ideia daqueles que desejavam ser instruídos por Jesus ou por outrem.¹⁴

Acrescenta-se também que a palavra ‘discípulo’ se deriva do termo grego *manthanō* (μανθάνω - aprender), sendo originado da expressão raiz *math* (μαθ), que traz a conotação de um pensamento/ raciocínio acompanhado pelo esforço. Discípulo é o indivíduo que segue em todos os aspectos de sua vida pessoal o ensino de alguém, investindo nisso seus esforços pessoais. Um discípulo não era apenas e meramente um aluno que colhia conteúdos de seu mestre, mas alguém que se tornava partidário em relação àquilo que aprendia, esmerando-se em tornar-se uma cópia de seu tutor.¹⁵ Embora seja um termo rapidamente aliado aos discípulos de Jesus, lembra-se que esta categoria era aplicada a seguidores de outros personagens bíblicos também, como Moisés, João Batista e os fariseus.¹⁶

⁷ WILLARD, D. **A grande omissão**: as dramáticas consequências de ser cristão sem se tornar discípulo. Tradução de Susana Klassen. São Paulo: Mundo Cristão, 2008, p. 17.

⁸ VENAS, Odd Magnus. Discipulado: factores bíblico-teológicos del discipulado intercultural. Integralidad - **Revista digital del CEMAA**. Año 7, 15.ed. Disponível em: <http://www.cemaa.org/PDF/INTEGRALIDAD15.pdf> Lima: feb. 2014, p. 11.

⁹ UTLEY, Bob. **New Testament Survey**: Matthew – Revelation. Marshall: Bible Lessons International, 2000, p. 36.

¹⁰ DODD, Charles Harold. **A interpretação do quarto evangelho**. Tradução de José Raimundo Vidigal. São Paulo: Paulinas, 1977, p. 18-19.

¹¹ SANDERS, J. Oswald. **Discipulado espiritual**. Tradução de Elma Gomes Barreto. Rio de Janeiro: JUERP, 1995, p. 8.

¹² Quando necessário transliterar algum termo grego ao português, o autor usará na presente pesquisa o *Dicionário Internacional de Teologia do NT* e o *Dicionário Vine: o significado do exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento*.

¹³ BRISCOE, S. **Discipulado diário para pessoas comuns**. Tradução de Oswaldo Ramos. São Paulo: Vida, 1992, p. 15.

¹⁴ MARTINS, Yago. **Faça discípulos ou morra tentando**: o significado, a extensão e o selo do discipulado. Niterói: Concílio, 2017, p. 168.

¹⁵ VINE, W. E.; UNGER, Merrill; WHITE Jr., William. **Dicionário Vine**: o significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento. Tradução de Luis Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2002, p. 569.

¹⁶ BUCKLAND, M. A. **Dicionário bíblico universal**. Tradução de Joaquim S. Figueiredo. São Paulo: Vida, 1999, p. 117.

No evangelho de João, o termo discípulo e suas derivações são mencionados 73 vezes.¹⁷ A partir desta utilização do termo no evangelho, pode-se entender que nos escritos joaninos, o termo designa aquele indivíduo que seguia a Jesus na vida cotidiana, tornando-se seu aluno, aprendiz, que aderiu ao seu ensino e forma de viver.¹⁸ Sendo assim, os discípulos reais de Jesus, no evangelho de João, são aqueles que manifestam sua disposição em segui-lo, permanecendo em seus ensinamentos e em sua Palavra (Jo 8.31; 13.35; 15.8).¹⁹

Baumann ainda faz um acréscimo de valor a definição do termo, afirmando que discípulo é aquele que tem um relacionamento com Jesus, não restrito apenas a assuntos ditos religiosos, mas a vida como um todo.²⁰ Este relacionamento é uma caminhada contínua, onde o indivíduo passa a aplicar em sua vida os padrões de vida de Cristo, tornando-se sua cópia, pois este é o propósito de Deus àqueles que decidem se tornar discípulos de Jesus.²¹

Martins vai além, expondo que discípulo de Jesus é alguém que se submete ao seu senhorio, tomando as ordens de Jesus como direção suprema sobre sua vida. O discípulo de Jesus não é aquele que meramente crê em seu ensino, mas o toma como regra de vida e conduta.²² Tal definição é sensata, pois amplia a compreensão ao fato de que a condição de discípulo traz consigo custas irrevogáveis, as quais devem ser pagas diariamente mediante a sujeição do discípulo a Jesus.

O verdadeiro discípulo é aquele que, primeiro, aceita o que o mestre ensina, tomando seu “jugo de instrução autoritativa”, ou seja, aceitando o que ele diz como verdade, porque ele o diz... um discípulo não é aquele que faz as coisas de acordo com sua própria vontade, isto é, um discípulo não dita como as coisas deveriam ser. Na verdade, um discípulo segue instruções e comandos, geralmente a partir de um instrutor ou um mestre. Assim, quem não acredita nos ensinamentos de Jesus, não é discípulo de verdade.²³

Concordante com esta definição, Madureira acrescenta que discípulo de Jesus é alguém que segue a Cristo, amando-o acima de todas as coisas, sofrendo por sua causa e seu ensino e que rejeita tudo o que tenta o afastar de Jesus.²⁴ Sendo assim, considera-se que discípulo é aquele indivíduo que segue a Jesus, rendendo-se a um relacionamento de sujeição a este, movido por amor, com o objetivo de aprender a viver aos moldes do Senhor. Tal ato do discípulo constitui-se em discipulado, assunto que será explanado na sequência.

2. DEFINIÇÃO DE DISCIPULADO

Sabe-se que a palavra discipulado não é encontrada na Bíblia. Mesmo assim, tem-se conhecimento de que foi uma ação empregada por Jesus para convocar, capacitar e ensinar os seus primeiros seguidores que fariam parte inicial de sua igreja (Jo 1.37-43; Mt 4.18-23).²⁵ Jesus em momento algum buscou conceituar discipulado; quem o fez foram seus discípulos através da história, a partir da compreensão das palavras e prática do Mestre.²⁶

Antes de adentrar em definições propriamente ditas, faz-se necessário esclarecer a existência de dois significados para esta palavra no âmbito do ministério de Jesus, as quais carregam em si conotações muito parecidas e objetivo final compartilhado. A primeira conotação de discipulado é no sentido de

¹⁷ VENAS, 2014, p. 11.

¹⁸ GINGRICH, F. Wilbur. **Léxico do Novo Testamento grego-português**. Tradução de Júlio Zabatiero. São Paulo: Vida Nova, 1993, p. 128-129.

¹⁹ VINE; UNGER; WHITE, 2002, p. 569.

²⁰ BAUMANN, Igor Pohl. **Formação de discípulos**. 2.ed. Curitiba: ADSantos, 2009, p. 6.

²¹ GONÇALVES, Douglas. **Jesus copy: a revolução das cópias de Jesus**. São Paulo: Mundo Cristão, 2016, p. 14.

²² MARTINS, Yago. **Faça discípulos ou morra tentando: o significado, a extensão e o selo do discipulado**. Niterói: Concílio, 2017, p. 21.

²³ MARTINS, 2017, p. 21.

²⁴ MADUREIRA, 2019, p. 39.

²⁵ ARAÚJO, Oliveira. **Plantação de igrejas**. Rio de Janeiro: JUERP, 1990, p. 73.

²⁶ BAUMANN, 2009, p. 5.

fazer discípulos de Jesus, ação esta que encontra embasamento em Mateus 28.19, na grande comissão. Esta refere-se ao ato de ajudar outrem a tornar-se discípulo de Jesus. Já a outra conotação refere-se ao ato de seguir a Jesus, tornar-se seu discípulo, vivendo de forma a imitá-lo. Este significado encontra base em textos como, por exemplo, João 1.43 e 13.13-17.²⁷

Compreende-se que os dois significados encontram o mesmo fim: seguir a Cristo. Mas, em relação ao sujeito da ação, as significâncias divergem, pois a primeira refere-se a outrem, enquanto a segunda ao próprio indivíduo.²⁸ Nesta obra, adotar-se-á o segundo significado, usando em alguns momentos a expressão *vida discipular* para a conotação de discipulado ao qual o autor deseja discorrer.

Mas qual é, então, a definição de discipulado? Observa-se no evangelho joanino que a expressão sugere aquilo que os discípulos foram submetidos a partir do chamado de Jesus em João 1.43, quando foram convocados para seguir a Jesus. Este chamado não se refere ao ato de meramente seguir física e geograficamente ao Senhor, mas, sim, foi este um chamado para tornar-se um aluno, um pupilo, disposto a aprender nesta condição a seguir os passos de vida do Mestre Jesus.²⁹ No evangelho de João, discipulado é apontado como a ação de indivíduos comuns que se dispuseram a seguir o Mestre Jesus, permanecendo firmemente naquilo que ele ensinou.³⁰ Nota-se que a vida discipular envolve uma mescla de conhecimento do ensino de Jesus com real comprometimento com este, sendo expresso na aplicabilidade de tais ensinamentos à vida cotidiana.

Bonhoeffer envolve a sua definição neste mesmo teor, conceituando discipulado de uma forma bem simples: “...é comprometimento exclusivo com e pessoa de Jesus Cristo”.³¹ Mas, embora aponte de forma simples, a aplicabilidade deste conceito custa tudo ao indivíduo, pois tal comprometimento envolve o descomprometimento com tudo aquilo que pode estar em oposição ao senhorio de Cristo na vida daquele que almeja seguir a Jesus como seu discípulo.

Em sua obra “Ser e fazer discípulos”, Ortiz afirma que o discipulado é uma relação de vida em que o discípulo aprende de seu mentor não meramente conteúdo religioso, mas vida em todos os aspectos. É uma caminhada em que o discípulo se empenha em aprender a viver como Jesus viveu, nos mínimos detalhes e em suas atitudes cotidianas.³² Nesta mesma ideia, Baumann resume de forma clara o que é o discipulado: “um relacionamento com Cristo”.³³ Entende-se que Jesus chamou indivíduos comuns, para andarem com Ele, se tornarem como Ele e pregarem a sua mensagem. Neste processo, Jesus lapidou-os em sua doutrina e prática pessoal, inspirando-os a impactar o mundo com Sua mensagem, fazendo ainda novos discípulos. Este foi o discipulado de Jesus; este foi o processo empregado por Jesus aos seus. Caso houvesse forma melhor para o ensino da vida discipular, certamente Jesus o usaria, mas demonstrou ser este o mais eficaz.³⁴

Este relacionamento leva o discípulo a compreensão de quem o Mestre é, impulsionando o indivíduo a apenas uma atitude frente a este conhecimento: a rendição. Nesta o discípulo desiste de suas vontades de poder, submetendo-se ao querer exclusivo de Jesus. Para Madureira, esta é a definição do discipulado de Jesus.³⁵

Trata-se, antes, de uma decisão importante na vida. Não é a simples decisão de mudar de grupo ou de time. É sujeitar-se a Jesus, ao seu senhorio, à sua Palavra, ao seu ensino. Discipulado é submeter-se a Cristo e não mais viver como se todas as coisas orbitassem

²⁷ MADUREIRA, 2019, p. 24-25.

²⁸ MADUREIRA, 2019, p. 24-25.

²⁹ KEENER, Craig S. **Comentário bíblico Atos**: Novo Testamento. Tradução: José Gabriel Said. Belo Horizonte: Atos, 2004, p. 269.

³⁰ VINE; UNGER; WHITE, 2002, p. 569.

³¹ BONHOEFFER, 2004, p. 21.

³² ORTIZ, Juan Carlos. **Ser e fazer discípulos**. Tradução de Margarida Oliva. São Paulo: Loyola, 1979, p. 94.

³³ BAUMANN, 2009, p. 6.

³⁴ MACDONALD, William. **O manual do discípulo**. Tradução de Giuliana Andréa Niedhardt Capella Santos. Porto Alegre: Actual, 2012, p. 13.

³⁵ MADUREIRA, 2019, p. 35.

ao nosso redor. Discipulado é auto esquecimento.³⁶

Discipulado ainda, pode ser exemplificado pelo ato de alguém seguir a um mestre, como no caso de José de Arimateia (Jo 19.38), que se tornou discípulo de Cristo, assumindo publicamente esta jornada. O termo usado no grego para definir tal atitude de José, o tornar-se discípulo, é *ōn mathētēs* (ὄν μαθητής), o qual é derivado de *manthanō* (μανθάνω), que se traduz por aprender, mediante um pensamento acompanhado por esforço pessoal e prático. Esta atitude apresenta-se como a mais próxima do uso do termo discipulado no português.³⁷ Tamanha decisão de José expressa um ponto ápice daquilo que tais definições pontuam, onde um indivíduo é confrontado com o conhecimento da pessoa de Cristo, com seu ensino e com a necessidade de dar uma resposta frente ao Evangelho. José, por sua vez, mesmo relutando durante certo tempo, lança-se agora ao comprometimento com a fé no Cristo, de forma pública, a ponto de ser reconhecido pelo evangelista João como alguém que é *mathētēs* (μαθητής) - tornou-se discípulo de Jesus! Para tanto, teve de esquecer de si, dos seus conceitos e daquilo que o mantinha às sombras, sabendo que não lhe haveria outro caminho mais sábio. Assim, José de Arimateia assume seu relacionamento com Jesus Cristo, como um humilde aluno/seguidor.

Entende-se assim, que discipulado é o processo no qual o indivíduo se dedica inteiramente a árdua tarefa de se parecer com Jesus e permanecer em seu ensino e prática, mediante a renovação de sua mente gerada em uma experiência relacional com Cristo, de forma a glorificar a Deus!³⁸ Para lançar-se a este processo, necessário é que o indivíduo se torne um discípulo de Jesus, assunto este que será abordado a seguir.

3. FORMA DE TORNAR-SE UM DISCÍPULO DE JESUS

Algo que pode ser constatado no meio eclesial é que existem pessoas denominadas cristãs, até mesmo envolvidas em atividades corriqueiras da igreja, mas que na realidade não se tornaram discípulos de Jesus. Isso acontece pelo fato destes não terem percorrido um processo descrito nas páginas do Novo Testamento, o qual constitui um caminho ao qual necessariamente todo aquele que deseja ser discípulo precisa passar.³⁹ Para tornar-se um discípulo de Jesus, necessário é compreender o convite do Senhor mediante o conhecimento de seu Evangelho (Jo 10.4; 1.36-37), crer em sua Pessoa e sua obra (Jo 1.12; 20.21) e renascer para uma nova vida em Jesus (Jo 3.3), recebendo-o como Senhor, mediante a sujeição à sua vontade (Jo 1.12).

Embora muitos achem que são seguidores de Jesus, apenas achar ser discípulo não faz do indivíduo um, mesmo que este ache sinceramente que o é; para ser um discípulo em essência, precisa este indivíduo adequar-se diariamente as condições impostas ao discipulado pelo Senhor Jesus.⁴⁰ Além do mais, não basta apenas o indivíduo dizer crer sem gerar frutos visíveis de vida discipular, mas deve externar sincera disposição à obediência ao padrão de Jesus. Caso contrário, é apenas uma conversão da boca para fora!

Um grande problema é que uma equivocada interpretação da admissão à vida discipular tem rondado igrejas locais em todo o mundo. Há tempos a condição para início do discipulado cristão tem sido substituída apenas por um simples levantar de mãos ao fim de uma pregação, em apelos ou a um mero preenchimento de uma ficha ou cartão expressando o desejo de se tornar membro de uma comunidade eclesial, sem ao menos haver uma disposição a sujeição integral a Cristo. Tais práticas equivocadamente tem se tornado evidências únicas e contundentes para se autenticar a condição de discípulo em muitas igrejas. A verdade é que tornar-se discípulo de Jesus é muito mais que isso; é uma

³⁶ MADUREIRA, 2019, p. 35.

³⁷ VINE; UNGER; WHITE, 2002, p. 569.

³⁸ WILLARD, 2008, p. 20.

³⁹ WILLARD, 2008, p. 11.

⁴⁰ MCKINLEY, Mike. **Am i really a christian?** Illinois: Crossway, 2011, p. 28-29.

disposição de fé que exige obediência permanente e pública a Jesus mediante a confiança inequívoca em sua pessoa.⁴¹ Do contrário, um gesto de levantar a mão em um apelo, se não for movido pela clara compreensão do Evangelho e fé sincera, não passa de um gesto vazio.

Para tanto, necessário é observar o que a Palavra de Deus aponta relativo à conversão a Cristo. Quanto a isso, o evangelho segundo João pode fornecer bom esclarecimento sobre a forma de adentrar à vida discipular, seguindo Jesus à sua maneira.

3.1 CONVITE DIVINO À VIDA DISCIPULAR

O texto de João 1.43 aponta um episódio um tanto quanto curioso, pois Jesus, em um singelo encontro com Filipe, chama-o para segui-lo sem lançar mão de muitos argumentos e explicativas. Apenas diz: “siga-me”. Tal convite foi no mínimo diferente em relação aos engajamentos dos discípulos dos mestres da lei, pois geralmente, quem procurava o mestre para início do discipulado era o aspirante a discípulo ou até mesmo os seus pais. Mas Jesus parece quebrar um costume judaico e convida indivíduos à vida discipular.⁴²

Apesar de tal diferença em relação ao início do vínculo do discípulo e mestre, algo desperta maior atenção: o fato de Filipe atender ao aparente simplório chamado. Este atender é algo muito maior que um simples acompanhamento físico, visto que o seguir, expresso no evangelho joanino, tem a conotação de tornar-se discípulo, tornar-se um aprendiz. Isso parece ocorrer com frequência dentre os relatos dos evangelhos.⁴³

Tal relato compara-se ao chamado de Levi, em Marcos 2.14, que também desperta curiosidade pelo atender tão desprendido. Teria Levi um conhecimento prévio de Jesus e por isso agora confiava a sua vida a segui-lo? Estava Levi já preparado para tal convite? O texto não revela nenhum detalhe a mais, a não ser apenas a chamada e o pronto atendimento desta. Bonhoeffer defende que esta sequência se dê para ressaltar uma única razão para tal ação: o próprio Jesus.⁴⁴

O texto de João 10.4 mostra algo que vem de encontro a estes relatos. Segundo o próprio mestre Jesus, suas ovelhas o ouvem e reconhecem a sua voz, dispondo-se a segui-lo. Assim como acontecia com o povo de Israel no Antigo Testamento, o ouvir e o atender a voz do Senhor comprovava quem eram suas ovelhas. Semelhantemente, o rebanho de Jesus reconhece a sua voz e o segue. Além do mais, sabia-se que um bom pastor reconhecia as suas ovelhas e as chamava pelos seus nomes, sendo que estas o atenderiam, por tamanha confiança no pastor, pois o reconhecimento era recíproco. De mesma forma, Jesus parece chamar os seus e prontamente era atendido.⁴⁵ Estas ovelhas representam os discípulos de Jesus.⁴⁶ Segundo Bonhoeffer, “Cristo chama, o discípulo segue...”.⁴⁷

Este chamado permanece ainda hoje, por meio das palavras de Jesus nas Escrituras e através de seus discípulos. Cristo ainda chama as suas ovelhas, com sua voz mansa e que é reconhecida pelos seus.⁴⁸ Bonhoeffer afirma que não há outra forma de se iniciar o discipulado de Jesus a não ser pela sua chamada, pois é o mestre quem chama e desperta os seus.⁴⁹ O convite básico de Jesus por meio de seu chamado é que as pessoas se tornem seus discípulos, tornando-se seus imitadores.⁵⁰

⁴¹ CASTLEBERRY, Grant R. **The mandate of discipleship**. Disponível em: <https://tabletalkmagazine.com/article/2018/06/the-mandate-of-discipleship/> Acesso em: 11 nov. 2020, n.p.

⁴² KEENER, 2004, p. 276.

⁴³ KEENER, 2004, p. 276.

⁴⁴ BONHOEFFER, 2004, p. 20.

⁴⁵ KEENER, 2004, p. 301.

⁴⁶ MCKINLEY, 2011, p. 26.

⁴⁷ BONHOEFFER, 2004, p. 20-21.

⁴⁸ MADUREIRA, 2019, p. 14.

⁴⁹ BONHOEFFER, 2004, p. 20-21.

⁵⁰ WILLIS Jr, Avery T. **Treinamento em discipulado**. Rio de Janeiro: JUERP, s.n., vol. 1, p. 17.

Bonhoeffer prossegue, afirmando que a graça que chama o indivíduo ao discipulado, é a mesma que revela a este o Cristo, o Filho de Deus, como acontecido com os discípulos de João Batista (Jo 1.36-37). Deus é quem toca no indivíduo e nele vai trabalhando para que atenda o chamado à vida discipular. Para tanto, o mesmo Espírito que desperta neste o conhecimento de Jesus, para compreendê-lo acima de uma visão meramente humana, é quem o impele a confissão de fé em Cristo. Nota-se que Deus trabalha em todo processo da chamada ao discipulado – assim como em toda a jornada posterior.⁵¹ Tal chamada deve ser atendida adequadamente, movida por sincera fé, o que será esclarecido no próximo subponto.

3.2 CRER EM JESUS E SUA OBRA

Após a compreendida a chamada divina, pode-se lançar os olhos ao texto de João 1.12, que aponta dois passos de resposta que o ser humano deve dar em relação ao Cristo revelado: crer e receber. Este tópico discorrerá sobre este primeiro aspecto.⁵²

Jesus Cristo foi a Palavra de Deus enviada aos homens que estavam em trevas. Muitos rejeitaram-no, mas houve os que nele creram e a estes foi dado, pela graça, o privilégio de tornarem-se filhos de Deus através de uma nova criação.⁵³ Entende-se que o primeiro passo, que aquele que aspira se tornar discípulo de Jesus deve dar, é crer nele e em seu Nome,⁵⁴ pois o discipulado de Jesus na vida de um indivíduo inicia-se quando este crê no Senhor.⁵⁵

O termo grego utilizado no verso citado para esta ação é *pisteuousin* (πιστεύουσιν),⁵⁶ termo derivado da palavra *pisteuō* (πιστεύω),⁵⁷ que se traduz pelo ato de dar crédito, confiar de maneira especial, além de uma mera compreensão de existência.⁵⁸ Esta atitude fora percebida nos primeiros discípulos de Jesus ao compreenderem quem ele era (Jo 2.11; 2.22).⁵⁹

Esta fé, segundo Dodd, é uma crença de tal nível que leva o sujeito desta a uma posição de vassalagem ao objeto de sua fé. Neste caso, a fé cristã exige da pessoa uma submissão ao domínio de Jesus Cristo, devendo o sujeito colocar-se como o *doulos* (δούλον - escravo) sujeito ao seu *Kyrios* (κύριος - Senhor). Esta fé traz ao indivíduo tal envolvimento e comprometimento que não se dá com uma simplória aceitação ou consentimento intelectual de asserção de um fato – esta fé impõe ao crente a condição de propriedade do Senhor, o objeto de sua fé.⁶⁰

Segundo Ladd, a fé é uma exigência que Jesus fez aos seres humanos, com o propósito de que estes sejam salvos - recebam a sua dádiva da vida eterna - e tornem-se seus discípulos. Esta exigência torna-se explícita no evangelho de João, de maneira que não é tão evidente nos escritos dos outros evangelistas. Esta fé significa uma completa confiança em Deus Pai e no seu ato de bondade ao enviar o seu Filho em resgate da humanidade caída, sendo Jesus o Messias.⁶¹

Ladd prossegue:

Aquilo que está implícito nos Sinópticos torna-se explícito em João. *Pisteuō* ocorre dez

⁵¹ BONHOEFFER, 2004, p. 11.

⁵² ALLEN, Clifton J. **Comentário bíblico Broadman**: Novo Testamento. Tradução de Adie Almeida de Oliveira. 3.ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1983, vol. 9, p. 328.

⁵³ BARCLAY, William. **Comentario al Nuevo Testamento**: Juan I. Barcelona: CLIE, 2012, vol. 5, p. 28.

⁵⁴ CARSON, D. A. **O comentário de João**. Tradução de Daniel de Oliveira e Vivian Nunes do Amaral. São Paulo: Shedd, 2007, p. 126.

⁵⁵ MADUREIRA, 2019, p. 36.

⁵⁶ HODGES, Zanes C.; FARSTAD, Arthur. **Novo Testamento interlinear analítico grego-português**: texto majoritário com aparato crítico. Tradução de Paulo Gomes e Odayr Olivetti. São Paulo: Cultura Cristã, 2008, p. 352.

⁵⁷ GINGRICH, 1993, p. 167.

⁵⁸ DODD, 1977, p. 242.

⁵⁹ CARSON, 2007, p. 175-176.

⁶⁰ DODD, 1977, p. 248-249.

⁶¹ LADD, George Eldon. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Darci Dusilek e Jussara Simões Árias. São Paulo: Hagnos, 2001, p. 255.

vezes em Marcos, onze vezes em Mateus, nove vezes em Lucas. *Pisteuō* ocorre diretamente nesta forma trinta vezes em João, dezoito vezes com o dativo, treze vezes com *hoti*, trinta e seis vezes com *eis*, uma vez com *en* (3.15), e uma vez com o acusativo neutro (11.26b). Fica bem claro que no Quarto Evangelho a fé desempenha um papel na salvação que nos Sinópticos encontra-se completamente ausente. O verbo *pisteuō* ocorre em uma ampla variedade de formas.⁶²

A ideia do ato de fé na veracidade dos testemunhos relativos à pessoa de Jesus Cristo e sua obra compõem a definição de fé nos escritos joaninos. Nas linhas do evangelho de João, os indivíduos são desafiados a depositarem sua fé em Jesus mediante a crença do testemunho das Escrituras (Jo 2.22), no testemunho escrito de Moisés (Jo 5.46-47), nas próprias palavras de Jesus (Jo 4.50) e no testemunho de suas obras (Jo 10.38), pois todos estes elementos apontam para sua divindade, envio da parte de Deus e sua obra redentora.⁶³

É importante notar que no evangelho joanino não é utilizado o termo *pistis* (πιστις - fé) como nos outros escritos do Novo Testamento; mas João prefere utilizar apenas o termo *pisteuō* e suas derivações.⁶⁴ No seu evangelho, ocorre um registro da derivação no grego de uma forma distinta do ato de fé em relação aos sinóticos, por meio da expressão *pisteuō eis* (πιστεύω εἰς), mencionada 36 vezes no livro. Tal expressão envolve mais que uma compreensão de teologia correta e traz em si a conotação de uma fé que requer uma relação de compromisso pessoal entre o discípulo e Cristo. É uma fé com teor de identificação pessoal com Jesus, sendo muito mais que uma compreensão intelectual relativa a fatos tidos como verdadeiros ou aceitação de um credo doutrinário, embora tais sentimentos não sejam excluídos. Esta fé expressa uma resposta do ser humano como um todo diante da revelação que lhe foi concedida da pessoa de Cristo.⁶⁵

Tal constatação de Ladd é acrescida, mostrando que esta fé consiste em discipulado:

Envolve muito mais do que acreditar em Jesus ou ter confiança nele; é uma aceitação de Jesus e daquilo que ele reivindica ser e a dedicação radical da vida da pessoa a ele. O compromisso não é emocional, mas envolve uma disposição de responder às exigências de Deus conforme foram apresentadas em e por Jesus. Torna-se evidente através da análise de outros termos equivalentes à fé, que a fé significa uma entrega completa e uma união pessoal entre o crente e Cristo.⁶⁶

Tal conhecimento de Jesus e do que ele reivindica ser aliado à fé também é uma característica distinta do quarto evangelho, pois nesse João parece manter uma relação íntima entre a fé o conhecimento em suas linhas. Estas duas ideias são associadas constantemente nos relatos de João em relação à jornada terrena de Jesus e os acontecimentos a sua volta. Isso mostra-se nos seguintes versos: João 4.25,26,29 – a samaritana que reconheceu a messianidade de Jesus; João 4.42 – samaritanos o conhecem e creem; João 9.35-38 – cego curado reconheceu a divindade de Jesus e creu; João 11.45 – reconhecimento do poder de Jesus na ressurreição de Lázaro; João 17.8 – os discípulos reconhecem que Jesus havia sido enviado pelo Pai; João 17.21 e 23 – reconhecimento da unidade cristã que revela Jesus ao mundo, para que este creia nele.⁶⁷

Ademais, o evangelista João declara que escreveu sua perspectiva da vida de Jesus para que seus leitores viessem crer que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus (Jo 20.31). João demonstra claramente a importância da fé em Jesus nas linhas de seu evangelho. Nos três evangelhos sinóticos, anteriores a João, os fatos (relatos) são simplesmente discorridos, de maneira a deixar que estes causem sua própria impressão sobre o leitor. Já o evangelista João não age desta forma. Tudo em seu evangelho

⁶² LADD, 2001, p. 256.

⁶³ LADD, 2001, p. 255.

⁶⁴ MAZZACORATI, Israel G.; SAYÃO, Luiz Alberto; SOUZA, Itamir Neves de. **De volta à palavra: a vida e o ensino dos apóstolos João, Paulo e Pedro.** São Paulo: RTM, 2017, p. 59-60.

⁶⁵ LADD, 2001, p. 256.

⁶⁶ LADD, 2001, p. 257.

⁶⁷ LADD, 2001, p. 261.

é regularmente selecionado e orientado para obtenção e constatação de um veredito do leitor em relação à messianidade de Jesus. João não se ocupa só com os fatos, mas também dos assuntos. Seu intento era inspirar seus leitores, após sua explanação da vida terrena de Cristo, à fé no Senhor, por meio da revelação de sua glória em cada relato. Tal intento de João não era um acaso, mas, como discípulo de Cristo, desejava que outros também se tornassem discípulos. Para tanto, a fé no Cristo era indispensável.⁶⁸

O discipulado de Jesus está condicionado a fé por parte daquele que se lança a esta empreitada, pois para seguir a Cristo, de fato, necessário é acreditar no que o Mestre ensina por compreender quem Ele é. Ser discipulado por Jesus caracteriza-se com o andar segurando a mão de Jesus, sabendo que Ele é capaz e confiável para conduzir e ser seguido. Portanto, ser discípulo é viver em contínuo aprendizado e obediência mediante a confiança naquele que o chamou.⁶⁹

Sendo assim, o evangelho de João reconhece a fé em Jesus como uma condicional para o discipulado cristão. No relato posterior à cura do cego de nascença, o texto de João 9.35-38 aponta a fé que aquele homem que fora curado demonstrara em relação a Jesus, pois declarou verbalmente a sua compreensão da pessoa de Cristo como Filho do homem. Tal declaração é seguida por um ato de adoração a Jesus (v.38), atitude tal que jamais um judeu prestaria a um mero ser humano, mas o faria apenas a Deus. Esse homem que crera tivera um encontro com Jesus e seu poder, o que despertou sua fé no Cristo,⁷⁰ sendo que foi taxado de discípulo de Jesus posteriormente pelos fariseus (Jo 9.28). Nota-se que a fé na pessoa de Cristo era uma marca de seus reais seguidores, a ponto de até seus opositores terem ciência de tal evidência.⁷¹

Ao mesmo tempo, olhando pelo lado oposto, o texto de João 9.27-28 mostra que os fariseus se consideravam discípulos de Moisés, pois nele criam e permaneciam na obediência à lei mosaica.⁷² Estes estavam impossibilitados de serem discípulos de Jesus devido à sua descrença em sua divindade, o que fora reconhecido e ressaltado por Jesus em João 8.45 e no texto a seguir:⁷³

Jesus respondeu: “Eu já lhes disse, mas vocês não creem. As obras que eu realizo em nome de meu Pai falam por mim, mas vocês não creem, porque não são minhas ovelhas. As minhas ovelhas ouvem a minha voz; eu as conheço, e elas me seguem.”⁷⁴

Em concordância ao que fora argumentado anteriormente em relação às ovelhas de Jesus que ouvem a sua voz e seu chamado, o texto de João 10.26-27 expõe um pouco mais o que era um impeditivo ao discipulado por parte dos líderes religiosos judaicos. Jesus declarou que estes não eram suas ovelhas, por isso ouviam a sua voz apenas superficialmente, mas não a ponto de crerem e se tornarem seus discípulos. Embora o ouvissem proclamando o seu ensino, não o acatavam, negando-se a recebê-lo em seus corações.⁷⁵

3.3 RECEBER JESUS

Outro aspecto relativo à resposta do ser humano à chamada ao discipulado é o receber a Jesus, conforme registrado em João 1.12. Carson interpreta este ato com a seguinte expressão: “...tal fé gera fidelidade à Palavra, confia nela completamente, reconhece suas declarações e a confessa com sua

⁶⁸ BAXTER, J. Sidlow. **Examinai as Escrituras**: o período intertestamentário e os evangelhos. Tradução de Neyd Siqueira. São Paulo: Vida Nova, 1985, p. 291-292.

⁶⁹ MARTINS, 2017, p. 20.

⁷⁰ CARSON, 2007, p. 376-377.

⁷¹ CARSON, 2007, p. 374-375.

⁷² CARSON, 2007, p. 374-375.

⁷³ CARSON, 2007, p. 354-355.

⁷⁴ BÍBLIA NVI. João 10.25-27, 2000, p. 834.

⁷⁵ WIERSBE, Warren. **Comentário bíblico expositivo**: Novo Testamento. Tradução de Susana E. Klassen. Santo André: Geográfica, 2006, vol. 1, p. 427-428.

gratidão. E isso que significa recebê-lo”.⁷⁶

Concordante com esta interpretação, Ladd deixa o ato de receber intimamente aliado ao ato da fé, pois somente quando o discípulo crê verdadeiramente em Jesus Cristo é que tal indivíduo poderá tomar para si as verdades relativas à revelação de Jesus, tendo-as como convicção. Receber é tomar os testemunhos e palavras de Jesus como parte de si, compreendendo que Jesus é o Santo de Deus (Jo 6.69), é o Cristo, Filho de Deus (Jo 11.27), Enviado de Deus (Jo 11.42, 17.8), um com o Deus Pai (Jo 14.10-11), veio de Deus (Jo 16.27,30), é o Eu Sou (Jo 8.24) e o Caminho para vida eterna (Jo 14.6).⁷⁷ Tal atitude é percebida nos discípulos de Jesus, conforme o texto de João 6.68-69, em que estes, representados pelo discípulo Simão Pedro, reconhecem a incapacidade de abandono a Jesus devido à convicção que tinham de sua pessoa.⁷⁸

Sweeting concorda com tal interpretação, afirmando:

Receber a Cristo é ter fé nele, crendo que Ele é Filho de Deus sem pecado, que morreu voluntariamente pelas nossas faltas, a fim de nos libertar da morte espiritual e do juízo, e para que tivéssemos vida eterna. A questão crucial é esta: Você já tomou esta decisão? Já recebeu a Jesus Cristo?⁷⁹

Nesta mesma linha de pensamento, Bruce encara tal versículo como a atitude de receber aquele que é a Palavra de Deus – Jesus Cristo – depositando fé genuína neste, jurando-lhe fidelidade e acreditando piamente que ele é o que diz ser. Neste ato, o crente desfruta de um nascimento espiritual, tornando-se agora filho de Deus, o que por sua vez abre-lhe uma porta para uma nova vida, a vida discipular de Jesus.⁸⁰

O ato de receber a Jesus também pode ser visto como uma decisão do indivíduo, relativa à compreensão de sua condição diante de Deus. Nesta compreensão, faz-se necessário receber Jesus como Salvador e Senhor. Para ser salvo e tornar-se discípulo de Cristo, o ser humano percebe-se perdido e incapaz de salvar a si mesmo, por isso recebe a Jesus como Salvador, tendo-o como o único capaz de salvá-lo da perdição eterna. Mas, além disso, percebe-se também como incapaz de conduzir a sua vida, compreendendo sua inclinação carnal à rebeldia e desobediência a Deus. Por isso, para viver a nova vida recebida por Cristo, precisa recebê-lo como Senhor, tendo-o agora como condutor de seus passos.⁸¹

Muito além de apenas receber a Jesus Cristo como Senhor através de uma mera confissão oral, a resposta ao genuíno discipulado de Cristo envolve uma disposição a uma vida de obediência. Nisto consiste o receber Jesus como Senhor – em ser agora submisso ao seu querer,⁸² sendo que não há discipulado genuinamente cristão sem a rendição e submissão ao senhorio de Cristo.⁸³

Há algo que o ser humano controla e que diz respeito à condução de sua vida: a vontade própria. Aceitar Jesus Cristo como Senhor envolve a entrega da vontade particular a ele; isso, por sua vez, significa render-se à direção que Jesus deseja dar à vida dos seus, render-se ao seu controle absoluto, mesmo em relação às coisas que desagradem o eu. Submeter a vida ao senhorio de Cristo significa desejar viver a sua boa vontade e ver seu Nome engrandecido através da conduta própria.⁸⁴ Ademais, aquele que ama verdadeiramente ao Senhor Jesus, obedece-lhe (Jo 14.15) e permanece em seus ensinamentos.

⁷⁶ CARSON, 2007, p. 126.

⁷⁷ LADD, 2001, p. 256-257.

⁷⁸ CHAMPLIN, Russel Norman. **O Novo Testamento interpretado**: versículo por versículo. São Paulo: Milenium, 1982, vol. 2, p. 374.

⁷⁹ SWEETING, George. **Os primeiros passos na vida cristã**. 3.ed. Tradução de Neyd Siqueira. São Paulo: Mundo Cristão, 1987, p. 16.

⁸⁰ BRUCE, Frederick F. **Comentário bíblico NVI**: Antigo e Novo Testamento. Tradução de Valdemar Kroker. São Paulo: Vida, 2008, p. 43.

⁸¹ BROCK, Charles. **Boas novas para você**. Rio de Janeiro: JMN, 2004, p. 19.

⁸² BONHOEFFER, 2004, p. 20.

⁸³ MADUREIRA, 2019, p. 36.

⁸⁴ HENRICHSEN, Walter A. **Discípulos são feitos, não nascem prontos**. Belo Horizonte: Atos, 2002, p. 20-24.

(Jo 8.31).⁸⁵ Considera-se assim, que receber a Cristo consiste em acatar como verdade aquilo que as Escrituras Sagradas dizem a respeito de Jesus, tendo-o como Salvador e Senhor pessoal, de forma a viver sujeito a seu senhorio. Quando isso se faz real na vida de um ser humano, ele prova da regeneração em Jesus, também chamada de novo nascimento.

3.4 NASCER DE NOVO

Após a chamada divina ao discipulado, o indivíduo crê em Jesus Cristo de todo o seu coração, recebendo-o como Salvador e Senhor de sua vida. Neste momento, acontece então uma transformação sobrenatural na vida deste, a qual denomina-se na teologia cristã por *regeneração*, ou seja, nascer de novo. Segundo as palavras de Jesus, encontradas no texto de João 3.3, só fará parte de seu Reino - e subentende-se, torna-se seu discípulo - aquele que nascer de novo, renasce em Cristo a partir da fé. MacDonald afirma que o caminho do verdadeiro discipulado somente começa quando o indivíduo passa por esta transformação, em que seus intentos, aspirações, valores e prioridades são mudadas.⁸⁶

Esta transformação, denominada de novo nascimento, dá-se:

1. Quando uma pessoa compreende que é pecadora, que está perdida, e que está permanentemente desnudada diante de Deus;
2. Quando reconhece que não pode salvar-se a si por ter caráter ou pelas boas obras;
3. Quando crê que o Senhor Jesus Cristo morreu como seu Substituto na Cruz;
4. Quando, por uma definida decisão de fé, reconhece Jesus como seu único Senhor e Salvador.⁸⁷

Tal novo nascimento é indispensável àquele que aspira a vida discipular pelo fato de ser impossível ao ser humano comum – não convertido – viver de fato uma vida segundo o querer e à maneira do Mestre Jesus, pois pelas suas forças, o ser humano natural não pode viver a vontade de Deus. Há pessoas que acham que viver a vida cristã, ou seja, a vida discipular, faz de alguém um discípulo automaticamente. Isso absolutamente é impossível e um equívoco, pois para viver de fato o discipulado de Jesus, faz-se necessário nascer de novo, tornando-se antes um discípulo – somente a partir daí é que realmente se iniciará a vida discipular autêntica.⁸⁸

Não existe a mínima capacidade no ser humano natural de viver o verdadeiro discipulado. Se tentar, vai apenas se perceber falido em tal intento. A partir do novo nascimento, o agora discípulo conta com a força da graça divina, que o sustenta e torna possível o viver a vontade de Deus, sendo um imitador de Cristo.⁸⁹

Em relação a este fato, Boor afirma o seguinte quanto ao texto de João 3.3:

Isso constitui um ataque radical ao teólogo Nicodemos. Ele e seus amigos pensam que “conhecem”. Como mestres de teologia e reconhecidos membros do Sinédrio, pensam que obviamente possuem o julgamento certo e reconhecem claramente a atuação de Deus com vistas a Jesus. Na realidade, eles nem possuem condições de ver a atuação soberana de Deus. Carecem do pressuposto imprescindível para tanto. O real governo de Deus está oculto ao ser humano. Nenhuma sabedoria e nenhum pensamento próprio do ser humano lhe conferem percepção da atuação divina, tampouco o conhecimento teológico e bíblico, como Nicodemos certamente possuía de forma excelente. Os olhos do ser humano são abertos para Deus unicamente por meio de um processo que Jesus somente consegue comparar com “ser gerado” e “ser nascido”. Uma mera melhoria ou aprofundamento do ser humano e de seu pensamento teológico não atinge o alvo.⁹⁰

Nicodemos poderia achar que entenderia tanto a Jesus como seu ensino de forma meramente humana, mas naquela noite Jesus pôs por terra seus pressupostos. Necessário lhe era nascer de novo

⁸⁵ ALLEN, 1983, vol. 9, p. 340, 388.

⁸⁶ MACDONALD, 1981, p. 4.

⁸⁷ MACDONALD, 1981, p. 4.

⁸⁸ MACDONALD, 1981, p. 4.

⁸⁹ MACDONALD, 1981, p. 4.

⁹⁰ BOOR, Werner de. **Evangelho de João 1: comentário esperança**. Tradução de Werner Fuchs. Curitiba: Esperança, 2002, p. 85.

para entender o ensino do Mestre Jesus. Fazia-se necessário provar de uma transformação radical de sua natureza, algo que humanamente lhe era impossível. Jesus usa aqui neste trecho as expressões gregas *gennēthē anothen* (γεννηθῆ ἄνωθεν) para indicar o processo ao qual Nicodemos precisaria passar. As expressões podem ser traduzidas por nascer “*de novo*” assim como por “*de cima*”. Unindo estas duas possibilidades de tradução, entende-se que para compreender a mensagem de Jesus e iniciar uma caminhada ao seu lado, faz-se necessário ser nascido de novo e isso só acontece quando o indivíduo for gerado de cima, dos céus.⁹¹

Tal colocação de Jesus atingiu em cheio o que separava tanto Nicodemos quanto a seus companheiros da compreensão da vida discipular cristã. Os líderes religiosos e os fariseus criam que sua piedosa e rigorosa religiosidade sustentava garantias diante de Deus de que seriam aceitos. Nestas, o ser humano apenas está convicto de si, excluindo o real caminho que os pode aproximar de Deus. Jesus, por sua vez, contradiz este intento e compreensão equivocada, declarando a total incapacidade humana de perfazer sua aproximação de Deus com base em seus esforços religiosos – necessário era-lhe renascer. Nicodemos parece até achar isso impossível, partindo para uma argumentativa em níveis humanos. Mas Jesus prossegue apontando que até mesmo Nicodemos, um reconhecido sábio da cultura religiosa judaica, assim como qualquer outra pessoa, precisa renascer do alto através da fé em Cristo, o que por sua vez é esclarecido no prosseguimento da conversa, em João 3.16.⁹²

Bruce ainda complementa que tal ideia assombrara a Nicodemos, pois estava totalmente despreparado para esta conversa com o Mestre Jesus, ainda mais pelo fato deste conduzir a conversa ao âmago de sua motivação religiosa. Não se sabe ao certo o que levara o rabino Nicodemos a se dirigir a Jesus naquela noite, mas este utilizou-se desta conversa para apontar que para compreender seu ensino, provar do Reino e segui-lo, era necessário recomeçar do zero.⁹³ Dizia-se na cultura judaica que um prosélito ao judaísmo, quando admitia este jugo, era então como uma criança recém-nascida que estava a aprender uma nova forma de viver. Certamente, Nicodemos conhecia esta tradição e ao ouvir as palavras de Jesus certamente associou-as, assustando-se, pois ele estava indicando que toda sua bagagem religiosa, conquistada ao longo de muitos anos, de nada valeria para garantir seu sucesso na compreensão e na prática dos ensinamentos de Jesus: era-lhe necessário recomeçar sob uma nova perspectiva – agora dos céus – para provar do Reino de Deus. Isso foi um espanto ao rabino Nicodemos, pois fora recolocado numa condição de pupilo, um iniciante, para assim de fato ter a possibilidade de viver uma vida discipular a Jesus.⁹⁴

Sendo assim, para ser um real discípulo de Jesus, necessário é nascer de novo! Não há como se lançar a genuína vida discipular de Jesus sem provar desta regeneração, onde o indivíduo desfruta de um recomeço de vida, agora sob nova perspectiva de valores e prioridades. Nenhum outro artifício será capaz de substituir tal experiência, nem mesmo uma longa jornada religiosa ou boa reputação. Ademais, ao provar do novo nascimento, o indivíduo como uma criança recém-nascida passa a uma jornada de crescimento em maturidade em Jesus como seu discípulo; caminho este onde encontrará custos de tal condição.

4. CUSTO DO DISCIPULADO

Sabe-se que tudo na vida tem um custo, e o ser humano já aprendeu a mensurar o valor daquilo que possui e daquilo que deseja adquirir. Bem, e quanto a vida discipular, quanto custa? Graham certa vez afirmou: “A Salvação é de graça, mas o discipulado custa tudo o que temos”.⁹⁵ Tal afirmação é

⁹¹ BOOR, 2002, p. 85.

⁹² BOOR, 2002, p. 85, 91-92.

⁹³ BRUCE, 2008, p. 79-81.

⁹⁴ DODD, 1977, p. 402-403.

⁹⁵ GRAHAM, Billy. **Discipulado**. Disponível em: <https://www.projetocamposbrancos.org.br/a-salvacao-e-de-graca-mas-o-discipulado-custa-tudo-o-que-temos-billy-graham/> [s.n.], [19-?]. Acesso em: 15 out. 2021, n.p.

esclarecida nas palavras de Jesus, e aqueles que aspiram o seu discipulado devem se atentar para este fato.

Seguir a Cristo como discípulo não é algo que deve ser feito de qualquer maneira. É preciso segui-lo da forma que ele quer ser seguido, com máximo zelo e dedicação! Isso envolve custas as quais o indivíduo que aspira lançar-se ao discipulado deve estar ciente que deverá pagar. Caso não o faça, não desfrutará da realidade do discipulado de Jesus.⁹⁶ Discipulado que não envolva a disposição de pagar o preço, é embasado em graça barata. O genuíno discipulado de Cristo requer arrependimento sincero do pecador, sendo seguido pelo abandono da vida de pecados, tomando a própria cruz para assim viver Jesus. O abandono de si faz parte da jornada discipular, pois aquele que entende a preciosa mensagem da graça de Cristo, não titubeia em se desfazer de seus bens, seus planos, sua vontade, largar as redes e segui-lo.⁹⁷

Por vezes, Jesus era rodeado por uma multidão de pessoas que desejavam segui-lo sem mensurar às custas de tal decisão. Em João 6.60-66 encontra-se um relato de aparentes discípulos que ficaram espantados com seu ensino e decidiram abandoná-lo. Estes na realidade seguiam a Jesus apenas fisicamente, geograficamente, mas não tinham depositado nele seus corações a ponto de crer verdadeiramente no seu ensino, despindo-se de seus pressupostos.⁹⁸

O evangelho joanino também mostra Jesus como o sumo exemplo aos seus discípulos, renunciando a si mesmo. Durante seu ministério terreno, ele não se importou em viver sua própria vontade, mas abraçou o querer do Pai, deixando claro em suas palavras que fazia sempre o que lhe agradava (Jo 8.29), buscando a vontade divina em cada um dos seus passos (Jo 5.30), pois havia descido dos céus para isso (Jo 6.38). Jesus demonstrou claramente a cruz não apenas na sua crucificação, mas na sua conduta diária. A exemplo de Jesus, o discipulado cristão também requer a completa negação de si.⁹⁹

Tal condição de Jesus à vida discipular é imposta no texto de João 12.25-26:

Aquele que ama a sua vida, a perderá; ao passo que aquele que odeia a sua vida neste mundo, a conservará para a vida eterna. Quem me serve precisa seguir-me; e, onde estou, o meu servo também estará. Aquele que me serve, meu Pai o honrará.¹⁰⁰

Este versículo traz um adendo quanto a abnegação de Jesus descrita em um verso parabólico, anterior a tal colocação; mas este também impõe validade aos seus discípulos. Estes, para serem autênticos seguidores de Jesus, a seu exemplo, precisam também renunciar às suas vontades e sua vida como um todo para segui-lo. Segundo Bruce, esta é uma condição de obrigação a cada discípulo, que deve tomar sua cruz e seguir o Mestre. Quando Jesus menciona o amar a própria vida, expõe o fato de que muitos priorizam os seus interesses em detrimento ao Reino de Jesus sobre suas vidas. Mas quando o discípulo odeia a sua vida, ou seja, abnega-se do querer egocêntrico, goza de vida na qualidade divina ainda aqui nesta terra, em união com Cristo, até a eternidade. Seguir o Mestre Jesus como seu servo envolve participar dos seus sofrimentos, mas também de suas glórias e alegrias, pois aquele que honra a Jesus com sua vida, o Pai o honrará.¹⁰¹

Em relação à custa do discipulado, Solonca afirma:

Negar-se a si mesmo significa despir-se totalmente na presença do Senhor Jesus Cristo, para que ele possa revesti-lo como lhe convier. Significa, também, não impor condições para segui-lo nem tentar questionar seus ensinamentos e propósitos. Em outras palavras, isto

⁹⁶ MADUREIRA, 2019, p. 14.

⁹⁷ BONHOEFFER, 2004, p. 10.

⁹⁸ MADUREIRA, 2019, p. 24-25.

⁹⁹ PFEIFFER, Charles; VOS, Howard; REA, John. **Dicionário bíblico Wycliffe**. Tradução de Degmar Ribas Junior. Rio de Janeiro: CPAD, 2010, p. 728.

¹⁰⁰ BÍBLIA NVI. João 12.25-26, 2000, p. 386.

¹⁰¹ BRUCE, Frederick F. **João: introdução e comentário**. Tradução de Hans Udo Fuchs. São Paulo: Vida Nova, 1987, p. 228-229.

representa abrir mão de seus conhecimentos sobre a vida e submeter-se aos conceitos do Mestre.¹⁰²

Inevitavelmente, seguir a Cristo requer abandono de tudo que constitua a vida do indivíduo. MacDonald expõe que todo aquele que se dispõe ao chamado de Jesus precisa atender a esta extrema exigência. Apenas estar desejoso de abandonar tudo não basta, pois todo aquele que não renunciar a sua vida, perdê-la-á. Além do mais, a renúncia não se resume a apenas uma parte da vida, como alguns escusam, mas a vida como um todo. Jesus também não oferece um meio termo, diluindo o seu discipulado; ele propõe apenas dois grupos: os que negam a si e os que amam a si. Não há uma terceira possibilidade.¹⁰³ Segue ainda a afirmação de MacDonald em sua obra “O Discípulo Verdadeiro”:

O Salvador não está procurando homens e mulheres que lhe deem escassas noites – ou os seus fins de semana – ou os anos da sua aposentadoria. Antes, procura os que hão de dar-lhe o primeiro lugar em suas vidas. Procura hoje, como sempre o fez, não multidões que sigam Suas pegadas sem objetivo, só porque se deixam levar pela corrente, mas procura individualmente homens e mulheres cuja imorredoura adesão provém do fato de reconhecerem que Ele quer para Si aqueles que estão prontos para seguir o caminho da renúncia que Ele trilhou antes deles.¹⁰⁴

Para Dietrich Bonhoeffer, não há outra forma de seguir a Cristo – apenas a partir da renúncia. O ser humano que ouve a voz de Jesus e larga tudo por ele, destrói as pontes com sua velha existência, tendo como inexistentes as possibilidades de retorno, abandonando de vez a sua velha vida e vivendo uma nova caminhada, a vida no discipulado cristão.¹⁰⁵

O ser humano que foi chamado larga tudo quanto tem, não para fazer algo que tenha valor especial, mas simplesmente por causa daquele chamado, porque, de outro modo, não pode seguir a Jesus. A esse ato não se atribui o menor valor. Em si, continua sendo uma coisa absolutamente destituída de importância, sem merecer atenção. Destruíram-se as pontes e simplesmente caminha-se em frente. Uma vez chamada para fora, a pessoa tem que abandonar a existência anterior, tem que simplesmente “existir” no sentido rigoroso da palavra. O que é velho fica para trás, totalmente abandonado.¹⁰⁶

Ao lançar-se à vida discipular a Cristo, o ser humano renuncia às suas seguranças humanas para agora viver numa aparente insegurança. Sai do conforto, para viver o desconforto do inconformismo. Parte do aparente previsível para o imprevisível. Sendo assim, o discipulado de Jesus exige total comprometimento do ser humano, a ponto de Jesus ser o único conteúdo da vida deste - menos que isso, não há discipulado cristão.¹⁰⁷

Além da abnegação a própria vontade para viver o querer do Mestre, entre as custas que o discípulo paga para viver o discipulado cristão, pode-se citar a renúncia à aprovação dos seres humanos em favor da aprovação de Deus. João 12.42-43 exemplifica isso por meio de líderes judeus que até creram em Jesus superficialmente, mas não ao ponto de renunciarem à estima dos fariseus – o que acarretaria a expulsão da sinagoga.¹⁰⁸ Possivelmente, este fora também o motivo pelo qual Nicodemos procurou Jesus durante a noite, em João 3, para que seu interesse pelos ensinamentos de Jesus fosse mantido obscuro aos olhos de terceiros.¹⁰⁹

Ademais, o discípulo de Jesus deve abraçar o custo do compromisso público e reconhecido de sua condição ao discipulado. Não há como o ser sem assumir às claras tal decisão. João 19.38-39 mostra dois indivíduos que estavam tentando conciliar a vida discipular e o agrado aos líderes judeus – tal

¹⁰² SOLONCA, Paulo. **Manual do discípulo**. v. 1. Florianópolis: Discípulo, 1998. p. 16.

¹⁰³ MACDONALD, 1981, p. 10.

¹⁰⁴ MACDONALD, 1981, p. 5.

¹⁰⁵ BONHOEFFER, 2004, p. 20-21.

¹⁰⁶ BONHOEFFER, 2004, p. 21.

¹⁰⁷ BONHOEFFER, 2004, p. 21.

¹⁰⁸ ALLEN, 1983, vol. 9, p. 374-375.

¹⁰⁹ ALLEN, 1983, vol. 9, p. 284.

sincronia rompeu-se, pois é insustentável, tornando-se imprescindível ao discípulo o real compromisso público.¹¹⁰ Embora tivessem sido discípulos de forma omissa, a dicotomia na vida de Nicodemos já havia sido acusada por indícios em João 7.50-52;¹¹¹ mas agora tais indivíduos assumiam publicamente suas condições.¹¹²

Outra custa imposta a vida discipular é a oposição e perseguição, descritas em João 15.18-20. Embora o discípulo possa encontrar apoio entre os outros discípulos, encontrará oposição com os de fora, pois o mundo trará hostilidade a estes da mesma forma que reagiu ao Mestre Jesus. Mas Jesus já advertiu os seus antecipadamente para precavê-los e incentivá-los à perseverança.¹¹³

Tal oposição também é apontada em João 16.2. Boor destaca que assim como houve uma hora de sofrer para Jesus Cristo, haverá para os seus discípulos. Jesus já os deixa orientados e preparados para esta hora, pois muitos seriam os que se levantariam contra os seguidores de Jesus, tendo esta atitude como assertiva e justa diante de Deus.¹¹⁴ O discípulo genuíno deve estar pronto para enfrentar tais oposições sem mescla de estranheza.¹¹⁵

Outro custo que o discípulo paga ao embarcar na vida discipular é a renúncia de seus conceitos e religiosidade. Em João 8.12-47 é apontado um debate entre Jesus e os judeus que se recusavam a crer em Jesus, pois estavam arraigados às suas concepções religiosas; desta forma, estavam impedidos de renderem-se a fé cristã e tornarem-se seus discípulos.¹¹⁶ Nicodemos, de certa forma, também foi confrontado quanto a seus conceitos religiosos em seu primeiro encontro com Jesus (Jo 3.1-21). Mas diferente do exemplo anterior, Nicodemos felizmente arcou com as custas do discipulado de Jesus neste aspecto, pois assumiu, com sua posterior admissão pública ao discipulado, o quanto estava equivocado a respeito do Reino de Deus. Não obstante, seu reconhecimento de equívoco quanto aos seus conceitos religiosos pode ser ressaltado em sua postura mansa diante dos questionamentos de Jesus naquela noite descrita em João 3.¹¹⁷ Nicodemos, em sua postura, ensina o quanto um discípulo precisa se despir de seus pressupostos religiosos para seguir a Jesus como Ele quer ser seguido.

Mas o que deve encorajar o indivíduo a seguir este caminho de perda? A compreensão da preciosidade da salvação que foi garantida a partir do custo ao qual Deus pagou pelo resgate da humanidade – a vida de seu próprio Filho. Ele não achou que a vida de Cristo fosse demasiadamente cara para pagar à sua justiça pelo resgate da humanidade. Mas, pelo contrário, rendeu seu Filho em sacrifício por seres perdidos em pecado. Este preço, que foi pago da parte de Deus para garantir o resgate do ser humano pela graça divina, oferece agora o discipulado que custa ao ser humano a sua vida como um todo, através da renúncia do eu.¹¹⁸ “Não é tolo quem dá o que não pode guardar, para ganhar o que não pode perder”.¹¹⁹ Além do mais, aquele que se dispõe a vida discipular, pode ter a certeza de ainda outras boas recompensas da parte de seu Senhor, o que será abordado no próximo ponto.

5. RECOMPENSAS DO DISCIPULADO

Mas embora custoso ao ser humano, o discipulado de Cristo traz seus benefícios àqueles que a

¹¹⁰ WIERSBE, 2006, vol. 1, p. 498-499.

¹¹¹ BROWN, Raymond E.; FITZMYER, Joseph A.; MURPHY, Roland E. **Novo comentário bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e artigos sistemáticos.** Tradução de Celso E. Fernandes. Santo André: Academia Cristã, 2011, p. 741.

¹¹² BRUCE, 2008, p. 1747.

¹¹³ BRUCE, 2008, p. 1739-1740.

¹¹⁴ BOOR, Werner de. **Evangelho de João 2: comentário esperança.** Tradução de Werner Fuchs. Curitiba: Esperança, 2002, p. 114.

¹¹⁵ BRUCE, Alexander B. **The training of the twelve.** 2.ed. Grand Rapids: Kregel, 2000, p. 414.

¹¹⁶ ALLEN, 1983, vol. 9, p. 338-340.

¹¹⁷ BOOR, 2002, p. 84-85.

¹¹⁸ BONHOEFFER, 2004, p. 10.

¹¹⁹ JIM ELLIOT apud MACDONALD, 1981, p. 16.

ele se lançam.¹²⁰ Apesar de custar a vida por completo, ninguém que realmente entendeu o evangelho de Jesus seria capaz de renegá-lo, pois, através deste, o discípulo desfruta de vida sem igual com seu Senhor, pois o discipulado foi designado por Deus para dar ao ser humano a ajuda que este necessitava.¹²¹ Este chamado ao discipulado é precioso, pois reflete a graça de Deus sendo derramada sobre simples seres humanos.¹²²

Graça preciosa é a graça como santuário de Deus, que tem que ser preservado do mundo, não lançado aos cães; e por isso é graça como palavra viva, a Palavra de Deus que Ele próprio anuncia de acordo com seu beneplácito. Chega até nós como gracioso chamado ao discipulado de Jesus; vem como palavra de perdão ao espírito angustiado e ao coração esmagado. A graça é preciosa por obrigar o indivíduo a sujeitar-se ao jugo do discipulado de Jesus Cristo. As palavras de Jesus: “O meu jugo é suave e o meu fardo é leve” são expressões da graça.¹²³

Lançar-se a vida discipular a Jesus Cristo garante grandiosas recompensas. Nesta caminhada, o discípulo prova junto ao seu Senhor de vida no seu sentido mais profundo e verdadeiro. Embora aquele que se agarra à sua vida, negando-se a renúncia, perdê-la-á; ao passo que aquele que por Cristo se renega, encontrará a vida verdadeira e mais: preservá-la-á para toda eternidade, conforme o texto de João 12.25.¹²⁴ Apesar de provar das dores e mazelas da vida discipular pelo Senhor Jesus e como este, o discípulo pode ter a certeza de que também participará da glória de seu Senhor, pois o Pai celestial garante tal glória àqueles que com seu Filho sofreram.¹²⁵

Além do mais, a Palavra garante, em João 10.10, que aqueles que ouvem e atendem ao chamado do Supremo Pastor, encontram nele vida em abundância, vida em plenitude. Segundo Bruce, Jesus deseja o bem-estar dos seus, por isso os discípulos de Jesus podem estar certos de que o seu Mestre há de providenciar o que for mais adequado para que eles desfrutem de vida na qualidade de Deus, o que fora demonstrado no ato de dar sua vida pelos seus.¹²⁶ Barclay amplia tal explicação do referido verso, colocando a conotação que o termo grego *perisson* (περισσόν) traz. O teor deste termo expressa que Jesus concede aos seus discípulos um excedente nível de vida, em superabundância de qualidade. Argumenta ainda que, quando um indivíduo trata de viver sua própria vida por si, esta o é um pouco aborrecida, escura e vazia. Porém, quando este passa a caminhar junto a Jesus, reconhecendo sua presença em sua vida, esta enche-se de uma nova e significativa vitalidade, de uma superabundância de vida. Apenas quando o ser humano vive com Jesus é que a vida se converte em algo que vale a pena ser vivida, na qual passa-se de fato a vivê-la em todo o sentido do termo.¹²⁷

Boor acrescenta que a vida que os discípulos de Jesus provam da parte de Deus é significativa e real. Como o Bom Pastor, Jesus não concede uma vida precária em qualidade a suas ovelhas, mas em abundância. Isso não se refere à prosperidade monetária, mas ao prazer de existir. Isso, por sua vez, apenas os discípulos de Jesus provam.¹²⁸ Neves ainda esclarece que pelo fato de o discípulo provar de vida eterna da parte de seu Senhor, esta não se resume apenas a vida futura, mas já se inicia no agora. A vida que Jesus promete aos seus é esta vida sem fim, sem limites de qualidade, mas rica e plena; vida esta que é abençoada no decorrer da caminhada discipular, enquanto se experimenta mais e mais do conhecimento do bondoso Mestre Jesus.¹²⁹ Nesta mesma interpretação, McKinley afirma que os

¹²⁰ HENRICHSEN, 2002, p. 27.

¹²¹ HENRICHSEN, 2002, p. 27-29.

¹²² BONHOEFFER, 2004, p. 11.

¹²³ BONHOEFFER, 2004, p. 11.

¹²⁴ MACDONALD, 1981, p. 62.

¹²⁵ BRUCE, 2008, p. 229.

¹²⁶ BRUCE, 1987, p. 196-197.

¹²⁷ BARCLAY, 2012, vol. 5, p. 340-341.

¹²⁸ BOOR, 2002, p. 247.

¹²⁹ NEVES, Itamir. **Comentário bíblico de João: Através da Bíblia**. São Paulo: RTM, 2012, p. 181.

discípulos desfrutam de vida abundante e bênçãos eternas na presença de seu Mestre Jesus.¹³⁰

Outra recompensa da vida discipular apontada pelo evangelista joanino encontra-se em João 16.27, que afirma o seguinte: “...pois o próprio Pai os ama, porquanto vocês me amaram e creram que eu vim de Deus”.¹³¹ Em relação a este verso, Carson discorre:

O amor do Pai que está em questão nesses versículos dirige-se particularmente aos crentes. Assim como Jesus permanece no amor de seu Pai por ser obediente a ele (8.29; 15.10), e assim como os crentes permanecem no amor de Jesus por serem obedientes a ele (15.9-11), também esse círculo de amor é grande o bastante para incluir o próprio Pai: ele ama (*philei...*) os discípulos porque eles amam a Cristo e creem que ele veio de Deus (v. 27). A ideia, em suma, é uma extensão de 15.9-16.¹³²

Esta é uma garantia dada pelo Mestre Jesus aos seus discípulos, àqueles que por amor a Cristo vivem em obediência ao seu querer. Jesus garante: o Pai os ama! Este amor é mantido não em favor dos méritos do discípulo, mas porque o Pai decidiu amar por sua infinita graça. Este amor não é uma mera resposta ao ato de amor daqueles que se esmeram em amar o Filho, mas é o amor que motiva toda e qualquer ação destes indivíduos, pois se ama o Filho porque o Pai o amou primeiro (1Jo 1.10). Além do mais, Jesus afirma que devido a este amor, todo discípulo tem acesso direto ao Pai, tendo a certeza de que por Ele é ouvido.¹³³

Ademais, João aponta por meio do registro das palavras de Jesus, outra recompensa própria aos seus discípulos: a garantia da morada celestial junto ao seu Senhor. O seguinte texto exprime o desejo de Jesus de ter os seus seguidores junto a Ele e ao Pai nos céus:¹³⁴

Não se perturbe o coração de vocês. Creiam em Deus; creiam também em mim. Na casa de meu Pai há muitos aposentos; se não fosse assim, eu lhes teria dito. Vou preparar-lhes lugar. E se eu for e lhes preparar lugar, voltarei e os levarei para mim, para que vocês estejam onde eu estiver. Vocês conhecem o caminho para onde vou.¹³⁵

Além do texto apontado, outro verso demonstra este desejo da parte de Jesus em relação aos seus discípulos: “Pai, quero que os que me deste estejam comigo onde eu estou e vejam a minha glória, a glória que me deste porque me amaste antes da criação do mundo”.¹³⁶

Tais textos apontam que após uma longa jornada de vida discipular, aqueles que se submeteram a tal, poderão provar, da parte de seu Senhor, lugar na casa do Pai. Esta certeza os discípulos de Jesus podem guardar. Jesus assegurou isso aos seus primeiros discípulos, mas tal garantia é válida também a todos aqueles que atenderem ao seu chamado para segui-lo. Deus tem morada a todos os discípulos de Jesus e isso deve ser uma esperança viva e firme como uma âncora em seus corações. Embora possam morrer fisicamente, os seguidores de Jesus hão de provar da estadia eterna na morada celestial.¹³⁷

Neste lugar, os discípulos de Jesus provarão e verão da glória de seu Senhor. Isso é um privilégio que estes experimentarão por toda a eternidade. Jesus ama seus discípulos e por isso deseja partilhar não apenas das custas da vida discipular com estes, mas dar-lhes a honra de partilharem de sua glória nos céus.¹³⁸

MacDonald refere-se a essa tal esperança que o discípulo prova em relação aos céus, afirmando que a vida deste realmente pode se dizer que é espiritualmente satisfatória durante sua jornada terrena, pois será a mais recompensada na era que há de vir. Somente o discípulo de Cristo pode ser feliz neste

¹³⁰ MCKINLEY, 2011, p. 15.

¹³¹ BÍBLIA NVI. João 16.27, 2000, p. 841.

¹³² CARSON, 2007, p. 548.

¹³³ NEVES, 2012, p. 297.

¹³⁴ NEVES, 2012, p. 314.

¹³⁵ BÍBLIA NVI, João 14.1-4, 2000, p. 838.

¹³⁶ BÍBLIA NVI. João 17.24, 2000, p. 841.

¹³⁷ BOOR, 2002, p. 81-82.

¹³⁸ ALLEN, 1983, vol. 9, p. 400.

tempo e na eternidade, pela esperança que seu Senhor o provê.¹³⁹

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Grandiosa responsabilidade é assumir a vida discipular de Jesus, pois tal condição requer comprometimento exclusivo em todos os âmbitos da vida do indivíduo que se dispõe a esta. Esta responsabilidade inicia-se já nos primeiros passos da jornada cristã, em que mediante um relacionamento pessoal com o Mestre, o aspirante ao discipulado compromete-se em viver segundo os passos de Jesus. Este processo deve ser progressivo, de forma que a vida do ser humano passa a refletir cada vez mais este engajamento com o Senhor; mas longe de ser este o reflexo de um esforço apenas em aspecto humano, é fruto do agir sobrenatural do Espírito Santo na vida do discípulo, após seu novo nascimento. Isso é o discipulado de Jesus.

Salienta-se, porém, que o discipulado envolve custas irrevogáveis, sendo que qualquer negação de algum aspecto destas, compromete a condição de discípulo de Jesus. Resume-se tais custas em uma expressão do Mestre Jesus: “Aquele que ama a sua vida, a perderá; ao passo que aquele que odeia a sua vida neste mundo, a conservará para a vida eterna” (Jo 12.25). Entende-se que viver o discipulado de Jesus, requer morte para si, para viver segundo o querer do Senhor.

Mas embora a vida discipular de Jesus custe ao ser humano o empenho da vida como um todo, esta oferece inigualáveis recompensas, pois somente aquele que se torna discípulo de Jesus, mediante uma entrega real à vivência do Evangelho, desfruta da vida na abundante qualidade de Deus – nesta vida e por toda a eternidade. Para tanto, o discípulo goza da presença do Espírito Santo em sua vida, da certeza de sua salvação, do amor do Pai, do relacionamento com o Trino Deus, da resposta às suas orações, da paz sobre-humana, e por fim, de um lugar na casa do Pai, junto a Jesus!

REFERÊNCIAS

- ALLEN, Clifton J. **Comentário bíblico Broadman**: Novo Testamento. Tradução de Adiei Almeida de Oliveira. 3.ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1983. Vol. 9. 432 p.
- ARAÚJO, Oliveira. **Plantação de igrejas**. Rio de Janeiro: JUERP, 1990. 99 p.
- BARCLAY, William. **Comentario al Nuevo Testamento**: Juan I. Barcelona: CLIE, 2012. Vol. 5. 304 p.
- BAUMANN, Igor Pohl. **Formação de discípulos**. 2.ed. Curitiba: ADSantos, 2009. 70 p.
- BAXTER, J. Sidlow. **Examinai as Escrituras**: o período intertestamentário e os evangelhos. Tradução de Neyd Siqueira. São Paulo: Vida Nova, 1985. 336 p.
- BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada NVI**. Nova versão internacional. Santos: Bíblica, 2000. 992 p.
- BONHOEFFER, Dietrich. **Discipulado**. Tradução de Ilson Kayser. 8.ed. São Leopoldo: Sinodal, 2004. 208 p.
- BOOR, Werner de. **Evangelho de João 1**: comentário esperança. Tradução de Werner Fuchs. Curitiba: Esperança, 2002. 262 p.
- BOOR, Werner de. **Evangelho de João 2**: comentário esperança. Tradução de Werner Fuchs. Curitiba: Esperança, 2002. 216 p.
- BRISCOE, S. **Discipulado diário para pessoas comuns**. Tradução de Oswaldo Ramos. São Paulo: Vida, 1992. 180 p.
- BROCK, Charles. **Boas novas para você**. Rio de Janeiro: JMN, 2004. 32 p.

¹³⁹ MACDONALD, 1981, p. 63.

- BROWN, Raymond E.; FITZMYER, Joseph A.; MURPHY, Roland E. **Novo comentário bíblico São Jerônimo**: Novo Testamento e artigos sistemáticos. Tradução de Celso E. Fernandes. Santo André: Academia Cristã, 2011. 1792 p.
- BRUCE, Alexander B. **The training of the twelve**. 2.ed. Grand Rapids: Kregel, 2000. 534 p.
- BRUCE, Frederick F. **Comentário bíblico NVI**: Antigo e Novo Testamento. Tradução de Valdemar Kroker. São Paulo: Vida, 2008. 2272 p.
- BRUCE, Frederick F. **João**: introdução e comentário. Tradução de Hans Udo Fuchs. São Paulo: Vida Nova, 1987. 355 p.
- BUCKLAND, M. A. **Dicionário bíblico universal**. Tradução de Joaquim S. Figueiredo. São Paulo: Vida, 1999. 453 p.
- CARSON, D. A. **O comentário de João**. Tradução de Daniel de Oliveira e Vivian Nunes do Amaral. São Paulo: Shedd, 2007. 686 p.
- CASTLEBERRY, Grant R. **The mandate of discipleship**. Disponível em <https://tabletalkmagazine.com/article/2018/06/the-mandate-of-discipleship/> Acesso em: 11 nov. 2020. n.p.
- CHAMPLIN, Russel Norman. **O Novo Testamento interpretado**: versículo por versículo. São Paulo: Millennium, 1982. Vol. 2. 662 p.
- DODD, Charles Harold. **A interpretação do quarto evangelho**. Tradução de José Raimundo Vidigal. São Paulo: Paulinas, 1977. 625 p.
- GINGRICH, F. Wilbur. **Léxico do Novo Testamento grego-português**. Tradução de Júlio Zabatiero. São Paulo: Vida Nova, 1993. 228 p.
- GONÇALVES, Douglas. **Jesus copy**: a revolução das cópias de Jesus. São Paulo: Mundo Cristão, 2016. 96 p.
- GRAHAM, Billy. **Discipulado**. Disponível em: <https://www.projetocamposbrancos.org.br/a-salvacao-e-de-graca-mas-o-discipulado-custa-tudo-o-que-temos-billy-graham/> [s.n.], [19-?]. Acesso em: 15 out. 2021. n.p.
- HENRICHSEN, Walter A. **Discípulos são feitos, não nascem prontos**. Belo Horizonte: Atos, 2002. 143 p.
- HODGES, Zanes C.; FARSTAD, Arthur. **Novo Testamento interlinear analítico grego-português**: texto majoritário com aparato crítico. Tradução de Paulo Gomes e Odayr Olivetti. São Paulo: Cultura Cristã, 2008. 984 p.
- KEENER, Craig S. **Comentário bíblico Atos**: Novo Testamento. Tradução de José Gabriel Said. Belo Horizonte: Atos, 2004. 863 p.
- LADD, George Eldon. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Darci Dusilek, Jussara Simões Árias. São Paulo: Hagnos, 2001. 584 p.
- MACDONALD, William. **O manual do discípulo**. Tradução de Giuliana Andréa Niedhardt Capella Santos. Porto Alegre: Actual, 2012. 64 p.
- MACDONALD, Willian. **O discípulo verdadeiro**. 2.ed. Tradução de Odayr Olivetti. São Paulo: Mundo Cristão, 1981. 54 p.
- MADUREIRA, Jonas. **O custo do discipulado: a doutrina da imitação de Cristo**. São José dos Campos: Fiel, 2019. 79 p.
- MARTINS, Yago. **Faça discípulos ou morra tentando**: o significado, a extensão e o selo do discipulado. Ni-

terói: Concílio, 2017. 280 p.

MAZZACORATI, Israel G.; SAYÃO, Luiz Alberto; SOUZA, Itamir Neves de. **De volta à palavra: a vida e o ensino dos apóstolos João, Paulo e Pedro.** São Paulo: RTM, 2017. 153 p.

MCKINLEY, Mike. **Am i really a christian?** Illinois: Crossway, 2011. 189 p.

NEVES, Itamir. **Comentário bíblico de João: Através da Bíblia.** São Paulo: RTM, 2012. 378 p.

ORTIZ, Juan Carlos. **Ser e fazer discípulos.** Tradução de Margarida Oliva. São Paulo: Loyola, 1979. 126 p.

PFEIFFER, Charles; VOS, Howard; REA, John. **Dicionário bíblico Wycliffe.** Tradução de Degmar Ribas Junior. Rio de Janeiro: CPAD, 2010. 2050 p.

SANDERS, J. Oswald. **Discipulado espiritual.** Tradução de Elma Gomes Barreto. Rio de Janeiro: JUERP, 1995. 171 p.

SOLOMCA, Paulo. **Manual do discípulo.** Florianópolis: Discípulo, 1998. Vol. 1. 160 p.

SWEETING, George. **Os primeiros passos na vida cristã.** 3.ed. Tradução de Neyd Siqueira. São Paulo: Mundo Cristão, 1987. 128 p.

UTLEY, Bob. **New Testament Survey: Matthew – Revelation.** Marshall: Bible Lessons International, 2000. 231 p.

VENAS, Odd Magnus. Discipulado: factores bíblico-teológicos del discipulado intercultural. Integralidad - **Revista digital del CEMAA.** Año 7, 15.ed. Disponível em: <http://www.cemaa.org/PDF/INTEGRALIDAD15.pdf> Lima: feb. 2014. 52 p.

VINE, W. E.; UNGER, Merrill; WHITE Jr., William. **Dicionário Vine: o significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento.** Tradução de Luis Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2002. 1115 p.

WIERSBE, Warren. **Comentário bíblico expositivo: Novo Testamento.** Tradução de Susana E. Klassen. Santo André: Geográfica, 2006. Vol. 1. 952 p.

WILLARD, D. **A grande omissão: as dramáticas consequências de ser cristão sem se tornar discípulo.** Tradução de Susana Klassen. São Paulo: Mundo Cristão, 2008. 214 p.

WILLIS Jr, Avery T. **Treinamento em discipulado.** Rio de Janeiro: JUERP, s.d. Vol. 1. 166 p.



*A Revista Batista Pioneira está licenciada com
uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações -
4.0 Internacional*